

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM
14 de março de 2023

VERTIGES / 1985

um filme de Christine Laurent

Realização: Christine Laurent / **Argumento:** Christine Laurent / **Diálogos:** Christine Laurent, Patrick Laurent / **Montagem:** Francine Sandberg / **Direção de Fotografia:** Acácio de Almeida / **Som:** Pierre Befre, Pierre Lorrain / **Decoração:** Jean Lafront / **Guarda-Roupa:** Christine Laurent / **Produção Artística:** Jean Lafront / **Interpretação:** Magali Noël (Constance), Krystyna Janda (Maria), Paulo Autran (Eric Hardmour), Hélène Lapiowever (Anne), Henri Serre (Marius Poudesoire), Thierry Bosc (Frantz Kirkmayer), Luís Miguel Cintra (Herbert Ardown), Maria de Medeiros (Blanche), Figueira Cid, (maquinista), Jorge Silva Melo (Urbain), Manuel Mozos (o violinista), José Aguilerra (maquinista), Vasco Sequeira (maquinista que canta o fado).

Produção: Les Films du Passage, Channel Four Films (França, 1985) / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original falada em francês e português, legendado em português, 111 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira exibição em Portugal: Cinemateca Portuguesa, 1 de Setembro de 1993 (Ciclo S. Carlos: 200 anos na Ópera).

Sessão com apresentação

Começamos pelo princípio. Nunca tal fez tanto sentido. Lento e descendente, como que a instalar-se, um movimento de câmara em *plongé*, de um ponto de vista tão "celestial" dá-nos o interior de uma sala de espectáculos. Primeiro as traves, depois as pinturas do tecto, finalmente as cadeiras do teatro. Lugar de ilusões ou presença fantasmática? Os dois, precisamente.

Um homem de costas, olha a noite pela janela aberta, com o vento a dar nas cortinas. Mas não é aquela noite que vê, é antes uma outra, aquela em que Gradiva ainda não era só uma fotografia no seu quarto com os dedos nos lábios, a interditar outros cantos que não o seu.

Dois planos e as "vertiges", de Christine Laurent, estão apresentadas. O maestro Eric preso às recordações da sua amada Gradiva (lembrem-se da força psicanalítica dessa outra obsessão na **Gradiva** de Jensen? Freud explicava.) não consegue dirigir convenientemente a sua troupe em **Le Nozze di Figaro** de Mozart. Porque para ele a vida já não comunica com a sua arte. "É desgosto de amor, não é a perda de uma vida", repreende o maestro num dos ensaios. Por isso, Eric é desde o início uma personagem em perdição, que já não "encaixa" no centro nevrálgico de **Vertiges**: a criação artística como mero prolongamento das relações amorosas, do acima e abaixo nas escadas dos bastidores.

Mas a "falta" do mestre é a ensombração dos seus cantores. Gradiva, de quem só vemos a fotografia e a sua "ensurdecidora" voz gravada, paira sobre todos eles. E se dissermos que esta ópera não tem um *metteur en scene* visível e que é o rosto de Christine Laurent que aparece nas fotografias de Gradiva, já começamos a perceber um bocadinho da "maldade" que nos/lhes fizeram. Constance ama em vão Eric. Marius ama Constance e Maria, que será certamente uma grande cantora um dia, vive na sombra de Gradiva. O violinista nem sequer consegue falar a Maria "parce qu'elle est trop belle". Só Kirkmeyer, a personagem mais oposta ao maestro, "le grotesque" que quer apenas cantar e que pensa que Figaro é um Don Juan, percebe a condição do mestre. E isso enerva-o.

E enquanto os seus pupilos suam (a humanidade do artista presente nas suas secreções) e engendram à socapa um prato de comida quente, o "corpo" de Eric já partiu, não lhe interessando para nada. Dois meses sem beber álcool e o entorpecimento a mostrar o seu amor no céu, como que a anunciar. Nem mesmo já a sua arte lhe vale: a ensaiar uma obra de Mozart e só quer ouvir as frases míticas da Habanera de Bizet. *Si tu ne m'aime pas/ Si tu ne m'aime pas / pas, je t'aime!*

E quando a luz se esvai, "*il est déjà trop tard*" e a noite é tão estranha que parece um eclipse. Gradiva, sob a forma de um cupido vingador de cabeceira rouba a voz de Maria (a voz, símbolo de pureza, eclipsa-se ante o pecado da carne) e o maestro finalmente desiste. Cai em pleno ensaio e é o fim, mostrando que as suas palavras iniciais não podiam estar mais erradas. "O desgosto de amor *é sim* a perda da vida". Mas se para eles era demasiado tarde para nós sempre foi tudo tão cedo: o violino que já parecia um caixão ou as mãos na nuca e pescoço de Maria a persentir a sua perda.

Contudo, "*c'est pas encore le désespoir*" e é preciso acabar os ensaios e apresentar a ópera. Bem vindos ao 4º acto e eis um novo maestro, caído do céu, chegando literalmente a pingar. A dança das gatas borrarheiras burguesas continua, com os sapatinhos em pés errados, ou presos nas calhas do eléctrico. O novo maestro não acha Anna assim tão boa cantora, prefera-a como mulher e novamente o cupido vingador, recriminando a ousadia, atesta a sua "impotência".

Dia de estreia, apresentação única. O pano sobe e o espectáculo "invisível" começa: nesse plano tão elucidativo, o mais belo do filme, em que a luz da "vida", dos camarins do teatro se esvai e o verdadeiro palco deste **Vertiges** se inunda de sombra para dar lugar à arte (lá atrás).

A única representação da ópera é um sucesso. Afinal, o infortúnio sempre serviu de alguma coisa. A obra de arte, quase toda ela em *off*, feita do acumular das relações amorosas, acaba por triunfar sobre a vida. Kirkmeyer diz mesmo que nunca cantou tão bem. Cai o pano. Mas é um triunfo aparente pois a fusão entre a arte e a vida é tão indesmentível quanto as palavras do sonhador inútil Marius, nesse superior acto de afirmação artística: "*J'irai jusqu'au but*". Por isso, a morte de Kirkmeyer, nos bastidores é ela própria tão teatral quanto real (ou senão atente-se na pistolinha que Marius utiliza para o seu crime). E cai novamente o pano, o pano real, finalmente.

Lá fora há já outra luz e o eclipse desvanece-se. As próximas noites serão de luar. Desassombrado?

Carlos Natálio